

cetim, fofo, e abiscoitavam-se, tostadinhos.

A arçã misturava a sua flor de paixão ao rosmaninho, prontos ambos a ser colhidos para tapetes do senhor, nas igrejas da Páscoa. Na cinza, recortada das flores, os cardos floriam. No muro da ponte, que dava para a estrada, a glicínia chovia, dadivosa, em cachos roxos e brancos, que perfumavam o cansaço dos passantes, ajoujados pela lida do dia-a-dia.

E as borboletas, como flores inquietas e desassossegadas, com o seu branco, canela ou castanho-fogo, finalmente caligrafado e japonês, espalhavam bênçãos aqui e ali, e também sobre o beijinho da giesta, que concentrava o ouro da manhã...



Luísa Dacosta  
*O Rapaz que Sabia Acordar a Primavera*  
Porto, Asa Editora, 2007



## *O Rapaz que Sabia Acordar a Primavera*

*no sonho, a liberdade*

Era um rapaz. Tinha nascido nos montes, entre fraguedos bravios, pinheiros e águas claras. A sua casa de granito ficava à sombra de pedregulhos de rosto austero e de carão zangado, alguns enormes e esmagantes, como se restos, ainda, do castelo do emir mouro, que raptava raparigas, na noite do casamento, como diziam os contares das velhas de antigamente.

O pai e a mãe faziam contas à vida pobre, a vender e a comprar ovelhas, galinhas e ovos. Mas ele sabia, nos seus seis anos, espigados, que o dinheiro não comprava o sonho e continuava as suas brincadeiras de pensar e fingir, à beira do riozinho, de caudal pedregoso e apertado, de corrente cantante – a espriar-se no poço dos paus e debaixo da ponte romana, entre os olmos.

Na margem, havia violetas selvagens e outras flores, pequeninas e delicadas, de que não sabia o nome.

Ali, era um dos seus poisos predilectos. Gostava de ver os alfaiates, de longas pernas, a cerzir e a passar as águas claras, quietas e pouco fundas, onde chapinava e caçava rãs, e que na sua pouca fundura (mistério!) reflectiam toda a altura dos olmos.

Também gostava de sentir o silêncio, que media pelo rastejar das lagartixas, e de espreitar o céu, com nuvens brancas pousadas no cimo do monte, mas que, quando ele o subia e julgava aproximar-se delas, ficavam altas e inacessíveis, no azul.

Às vezes, o pai ralhava.

— Ó aluado, só agora chegas?! Nem para pastor de ovelhas vais servir... Só se for para pastorear andorinhas! Ai, ai...

Sim, porque a sua maior paixão eram os pássaros.

Os seus pios, trilos, trri-chis-chis, canto, assobios, o cu-cu, malandrecos, do cuco, que dava às raparigas anos sem conta de solteiras, quando lhe perguntavam:

— Cuco, cuco da ribeira, quantos anos me dás de solteira?

Muito gostava de ter asas e poder voar! Isso sim, seria ser livre.

Por isso sabia ninhos. E os seus amores eram o colorido da penugem do papo, das asas e do leme do rabinho dos seus amigos. E com eles costumava fazer

um ritual de iniciação, que

oficiava. Quando aquecia

um pouco, como um

brasume brando, e o

Inverno estava a chegar ao fim, punha-se a espreitar o tojo, a urze, o recorte, frágil, dos biquinhos de rouxinol, de um arroxeados-rosa.

E sobretudo as primeiras pascoinhas brancas e o ouro das calcinhas de cuco, dos narcisos selvagens, junto do rio, eram o sinal. Tinha chegado a hora.



Então, outro dia, de manhãzinha, descia pela encosta até ao deslido do rio, onde ficava um campo relvado de verde, a confinar com os pinheiros e uma correnteza de oliveiras, que espetavam na tarde as suas sombras colegiais no fundo do vale. E ali, sozinho, no meio do campo e da manhã nascente, assobiava, assobiava, assobiava. E, então, vindos de todos os lados, os pássaros acorriam, com os seus trilos e as suas asas: melros de biquinho amarelo e as suas capinhas negras, de estudantes, em férias, andorinhas, azul-noite e babeiros brancos de meninas bem-comportadas, a graça, cinza-clara, riscada de branco, das lavandiscas, que se juntavam ao bailado dos melros.

Do pinhal, vinham poupas, piscos, os gaios com o precioso azul-esverdeado das suas asas, bandos de pardais, rolas e pombas. Os pássaros faziam uma roda de asas sobre o campo verde. Só o cuco ficava lá para os lados da Abelheira, mas misturava o seu cu-cu, malicioso e insistente, aos trilos, pios e trri-chis-chis e arrulhos das rolas e das pombas.

Debaixo do céu azul e rodeado de asas, o rapaz acordava, com aquele ritual, a Primavera, que desabrochava em todo o seu esplendor. Bastava olhar. Nos montes era já a ressurreição. Flores de sargaço, algumas com as cinco chagas de Cristo nas pétalas brancas e de olhinho dourado, juntavam-se ao amarelo e roxo do pampilho e soajo.

As azinheiras estavam já enfeitadas com os seus brincos pingentes-de-filigrana, dourada, a chover por entre as folhas.

A madressilva e a sua florescência, rosa-branca, em coroa, começava a cheirar. Nas carvalheiras os bugalhos acerejavam o seu